

A Identidade da Besta

Rev. Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

*Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?...
Se alguém tem ouvidos, ouça. (Ap. 13:4b, 9).*

Leitores que gostam de ler as últimas páginas de um livro para descobrir a conclusão da história ficarão desapontados com minha abordagem. Aqui mesmo, nesse capítulo introdutório, identificarei a Besta. Faço isso para que você possa ter sua identidade em mente, à medida que considera a evidência apresentada. Para aqueles que esperam que a Besta apareça no cenário da história em algum momento, haverá também uma surpresa. O material de Apocalipse é muito claro: A Besta já fez sua aparição no passado.

Todos os estudantes do Apocalipse são familiares com o “número da Besta” (Ap. 13:18a), que é “o número do seu nome” (Ap. 13:17b). Esse número terrível é “666”. Nesse número está contida a identidade específica da Besta, uma identidade confirmada por várias linhas de evidências adicionais dentro do Apocalipse.

Princípios de Interpretação

Embora trate especificamente com o número da Besta num capítulo separado, há vários princípios para a interpretação desse número que devemos guardar em mente para governar nosso pensamento. Como é evidente a partir da história da interpretação do número 666, certamente precisamos de algo para confinar nosso pensamento à esfera do razoável! Os princípios de limitação necessários e derivados dos textos são:

1. O nome-número 666 deve ser “de *homem*” (Ap. 13:18b). Isso exclui qualquer interpretação que envolveria seres demoníacos, idéias filosóficas, movimentos políticos ou qualquer outra coisa que não um ser humano individual.
2. Esse homem deve ser alguém com uma natureza má, idólatra e blasfema. Isso é requerido à luz do seu caráter e atividades diabólicas delineadas em Apocalipse 13, particularmente nos versículos 4-7.
3. Ele deve ser algo que possua “grande autoridade” (Ap. 13:2,7). Isso certamente demanda que ele seja uma figura política; particularmente nisso, sobre sua cabeça existem dez diademas. Esses três primeiros

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com.

princípios são amplamente sustentados entre os comentaristas evangélicos do Apocalipse. Os dois restantes são grandemente negligenciados ou são quase certamente a causa dos erros radicais na identificação da Besta e sua missão. Os dois serão simplesmente listados e declarados nessa conjuntura. Deixaremos para estabelecer os mesmos nos capítulos seguintes.

4. O nome-número deve falar de alguém *contemporâneo* de João. O motivo é a expectativa temporária de João. Os eventos de Apocalipse devem ocorrer “em breve”; João insiste que “o tempo está próximo” (Ap. 1:1, 3, 19; 22:6ss). Esse princípio sozinho já eliminaria 99,9% das sugestões de comentaristas.

5. O nome deve ser de alguém *relevante* para os cristãos do primeiro século nas sete igrejas às quais João escreveu (Ap. 1:4, 11). Ele esperava que eles prestassem atenção ao que ele escreveu (Ap. 1:3) e calculassem o número da Besta (Ap. 13:18). Como eles poderiam ter feito isso, se a Besta fosse alguma figura sombria bem distante da situação deles?

O estabelecimento dos Princípios 4 e 5 é essencial para o entendimento correto da identidade da Besta. Conseqüentemente, trataremos com eles extensivamente no capítulo 2.

A Importância dos Princípios de Limitação

Uma ilustração dos resultados fúteis obtidos ao se ignorar qualquer ou todos esses fatores óbvios de limitação é encontrada numa obra dispensacionalista da década de 1970. Nesta obra lemos uma tentativa vã de explicar o número 666: “Em todos os tempos Satanás tem tido um ou mais candidatos a Anticristo esperando nos bastidores, para que o Arrebatamento não chegue repentinamente e o encontre despreparado. Esse é o porquê tantos líderes mundiais malévolos tiveram nomes cujas letras somadas davam 666, quando combinadas de certas formas (dependendo da fórmula usada para o 666, em determinados momentos haveria centenas de milhares de homens no mundo cujos nomes dariam 666. É desse grande conjunto de candidatos que Satanás tem tradicionalmente escolhido seu ‘homem do momento’”.²

Contrário a um erudito competente como Leon Morris, duvidamos que “as possibilidades sejam quase intermináveis”.³ Os fatores limitadores derivados do texto de Apocalipse restringem grandemente a esfera de possibilidades.

Imagem Dupla

Antes de apontarmos de fato àquele indicado pelo número de João, um problema reconhecido amplamente com a imagem da Besta deve ser mencionado. A maioria dos comentaristas concorda que a imagem da Besta no Apocalipse oscila entre o genérico e o específico. Isto é, algumas vezes a Besta parece descrever um reino, algumas vezes um líder individual e particular desse

² Raymond Schafer, *After the Rapture* (Santa Ana, CA: Vision House, 1977), p. 55.

³ Leon Morris, *The Revelation of St. John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), p. 174.

reino.⁴ Todavia, deveria ser entendido que o número 666 é aplicado a um rei particular individual nesse reino (Ap. 13:18).

Em alguns lugares a Besta tem sete cabeças, que são sete reis considerados coletivamente. Em Apocalipse 13:1 João declara que ele viu “emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças”. Apocalipse 17:9 declara especificamente que as sete cabeças representam “sete reis”. Esses setes reis se levantam numa sucessão cronológica; alguns já morreram, um está reinando agora, e outro ainda virá (Ap. 17:10-11). Assim, a *Besta* é genericamente descrita como um *reino*.

Mas no mesmo contexto a Besta é descrita como um indivíduo. João urge que seus leitores “calculem o número da besta, pois é número de *homem*” (Ap. 13:18). Em Apocalipse 17:11 o anjo intérprete diz a João e aos seus leitores que “a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete”. Essa característica, quão frustrante possa ser, é reconhecida por muitos comentaristas de várias escolas de interpretação.⁵

Introduzindo a Besta

Com essas considerações introdutórias diante de nós, eu declararei agora o que creio ser a Besta, tanto com respeito à sua identidade genérica como específica. Estabelecerei a identidade genérica de uma forma um pouco mais detalhada nessa conjuntura. Então, após apenas brevemente identificar sua identidade específica, desenvolverei as provas da sua identidade específica e individual nos capítulos seguintes.

Sua Identidade Genérica

A identidade genérica da Besta é o antigo Império Romano do primeiro século, sob o qual Cristo foi crucificado e durante o qual João escreveu o livro de Apocalipse. De acordo com Apocalipse 17:9, as sete cabeças da Besta representam “sete montes”. As sete cabeças, então, parecem especificar claramente uma característica geográfica proeminente. Talvez nenhum ponto seja mais óbvio em Apocalipse do que esse: *É Roma que é aqui simbolizada pelos sete montes* (colinas). Afinal de contas, *Roma* é a única cidade na história que foi distinta e reconhecida por suas sete colinas. As famosas sete colinas de Roma são a Palatino, Aventino, Celio, Esquilino, Viminale, Quirinale e Campidoglio.

Os escritores Romanos Suetônio e Plutarco fazem referência ao festival do primeiro século em Roma chamado *Septimontium*, isto é, a festa da “cidade

⁴ Essa idéia composta de genérico/específico não é sem precedente na Escritura. Por exemplo, o “homem” é genérico, enquanto “Adão” é o representante específico do homem. A Igreja é genérica (a Corpo de Cristo), enquanto Cristo é específico. Aqui temos a Besta representada como o genérico (reino) em alguns lugares, enquanto recebendo expressão específica no governo desse reino em outros lugares.

⁵ Por exemplo: John R Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ* (Chicago: Moody Press, 1966), p. 200; León Morris, *The Revelation of St. John*, 1st ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), pp. 210-211; R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John* (Edinburgh: T. and T. Clark, 1920), 1:349; Philip Mauro, *Things Which Soon Must Come to Pass*, rev. ed. (Swengel, PA: Reiner Publications, n.d.), p. 402.

dos sete montes”. Os arqueologistas descobriram a Moeda de Vespasiano (imperador de 69-79 d.C.) que trazia a deusa *Roma* como uma mulher assentada sobre sete colinas. As famosas sete colinas de Roma são mencionadas repetidamente por escritores pagãos antigos tais como Ovid, Claudian, Statius, Pliny, Virgil, Horácio, Propertius, Martial e Cícero.⁶ As sete colinas são mencionadas por escritores cristãos tais como Tertuliano e Jerônimo, bem como em vários dos Oráculos Sibilinos.⁷

Esse fato – que Roma era universalmente reconhecida como a cidade sobre sete colinas – é amplamente reconhecido por comentaristas evangélicos como tendo uma influência sobre a nossa passagem. A referência está quase fora de qualquer dúvida: Roma é aludida nessa visão da Besta com sete cabeças. Pela datação de todos, Apocalipse foi escrito em *algum tempo* durante o período do Império Romano.

Além do mais, tanto a história secular como eclesiástica registra que a primeira perseguição imperial ao Cristianismo foi iniciada na cidade das sete colinas, Roma, pelo imperador Nero César em 64 d.C.⁸ O próprio João nos diz que ele escreveu o Apocalipse para as sete igrejas históricas da Ásia Menor (Ap. 1:4,11). Essas igrejas existiram numa época de grande tribulação (Ap. 1:9; 2:10; 3:10). Ademais, João exortou essas igrejas a ler, ouvir e prestar atenção ao livro (Ap. 1:3; 2:7; 2:11, 17, 29; 3:6, 13, 22; 22:7). O tema de Apocalipse era crítico e relevante para essas igrejas, pois João fala rigorosamente da ocorrência iminente dos eventos de Apocalipse (1:1, 3, 19; 3:10; 22:6ss.).⁹

A questão da relevância da referência em Apocalipse 17 à audiência original deveria ser uma preocupação suprema para o intérprete moderno. À luz das circunstâncias delineadas acima, é de alguma forma provável que quando João mencionou “os setes montes”, ele estava falando do Império Romano? Coloque-se no cenário do primeiro século: *Você* pensaria que João poderia estar falando de eventos que ocorreriam inumeráveis séculos após o colapso do império, que estava presentemente engajado em sua perseguição? Você suspeitaria que ele não estava realmente relatando uma mensagem sobre a Roma Imperial? Impossível! João exortou o povo a ler, ouvir e prestar atenção ao livro. Ele estava falando do então existente Império Romano, que tinha como seu quartel general a cidade das sete colinas de Roma.

Sua Identidade Específica

Mas quem é a Besta considerada *individualmente*? A Besta do Apocalipse em sua encarnação pessoal não é ninguém outro senão Lucius Domitius Ahenobarbus, melhor conhecido por seu nome adotivo: Nero César. Ele e somente ele se encaixa à descrição, como a expressão específica ou pessoal da Besta. Esse homem vil cumpre todos os requerimentos dos princípios derivados do próprio texto de Apocalipse.

⁶ Ovid, *De Tristia* 1:5:69 e *Elegiae* 4; Claudian, *In Praise of Stilicon* 3:135; Statius, *Sylvae* 1; 2:191; Pliny, *Natural History* 3:5, 9; Virgil, *Aeneid* 6:782 e *Georgics* 2:535; Horace, *Carmen Secularae* 7; Propertius 3:10, 57; Martial 4:64; Cícero, *Ad Atticum* 6:5.

⁷ Tertullian, *Apology* 35; Jerome, *Letter to Marcella*; e *Sibylline Oracles* 2:18; 11:114; 13:45; 14:108.

⁸ Veja capítulo 5.

⁹ Veja capítulo 2.

Excluindo Júlio César, provavelmente nenhum outro nome de imperador Romano seja tão conhecido para o cristão de hoje como o de Nero. Todavia, sua grande função no Apocalipse é quase desconhecida entre os cristãos contemporâneos. Talvez uma breve história da tumultuosa vida de Nero servirá bem em preparar o leitor para as provas da nossa identificação, que serão dadas no capítulo 2-7.

O Nascimento de Nero e sua Infância

O pai de Nero foi um Enaeus Domitius Ahenobarbus,¹⁰ um homem mau procedente de uma família Romana famosa, porém cruel. A família inteira era “notória por instabilidade, traição e licenciosidade”.¹¹ O pai de Nero é descrito como “odioso em todo modo de vida”.¹² A famosa, conivente e desafortunada mãe de Nero, Agripina, era irmã do Imperador Gaius (conhecido também como “Calígula”) e sobrinha do imperador Cláudio.

Nero nasceu em 15 de Dezembro de 37 d.C., apenas nove meses após a morte do Imperador Tibério, sob quem Cristo foi crucificado. Ele nasceu com um cabelo vermelho brilhante, como era comum à sua linhagem (o nome “Ahenobarbus” significa “barba vermelha”).¹³ Quando nasceu, os pés de Nero saíram primeiro; entre um povo supersticioso e pagão isso era considerado como um mau presságio. Esse presságio não passou despercebido pelos historiadores Romanos dos seus dias.¹⁴ Muitos astrólogos “imediatamente fizeram muitas previsões terríveis a partir do seu horóscopo”.¹⁵ No dia do seu nascimento, até mesmo o pai de Nero predisse que essa prole poderia apenas ser abominável e desastrosa para o público”.¹⁶

O caráter cruel de Nero se evidenciou bem cedo. Aos doze anos de idade e tendo sido adotado pelo imperador Cláudio César, Nero começou a acusar seu irmão Britannicus de ter sido “trocado”, para colocá-lo em desfavor diante do imperador. Ao mesmo tempo, ele serviu até mesmo como uma testemunha pública num julgamento contra sua tia Lépidia, para arruiná-la.¹⁷

Agripina, mãe de Nero, conspirou e tramou para assegurar a Nero uma alta posição na Roma imperial. Após a morte da esposa do imperador Cláudio, ela começou a agir. Arrumou o casamento de Nero com a filha de Cláudio, lutou para conseguir mudar a lei Romana a fim de casar com Cláudio (seu tio), estimulou a adoção de Nero pelo imperador (49 d.C.), fez manobras para conseguir para Nero certos títulos honoráveis para assegurar sua sucessão ao império, e causou o exílio e morte de quaisquer apoiadores do irmão de Nero, Britannicus. Quando se tornou evidente que Cláudio não desejava deixar

¹⁰ Chamaremos Nero por seu nome adotivo familiar, embora este não tenha sido lhe dado até que tivesse doze anos de idade.

¹¹ Arthur Weigall, *Nero: Emperor of Rome* (London: Thornton Butterworth, 1933), p. 24.

¹² Suetonius, *Nero* 5.

¹³ Weigall, *Nero*, p. 25.

¹⁴ Suetonius, *Gaius* 24.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ Suetonius, *Nero* 6.

¹⁷ Suetonius, *Nero* 7.

Britannicus fora do seu testamento, como solicitado por Agripina, ela envenenou Cláudio.¹⁸

Os Anos do Nero Adulto

Com a morte do Imperador Cláudio, Nero, que estava então com apenas dezessete anos de idade, teve sua entrada ao Palácio para assumir o império cuidadosamente planejado para um tempo específico. Essa escolha do tempo foi devido a certos maus presságios sobre o dia.¹⁹ Ele começou a reinar em 13 de Outubro de 54 d.C.

Os cinco primeiros anos do seu reino foram caracterizados por um consideravelmente bom governo e prudência. Isso não foi devido à sua própria sabedoria e caráter, mas por ele ser guiado pelos sábios tutores Sêneca e Burrus. Essa era, conhecida como *quinquennium Neronis*, provavelmente nos ajuda a entender a atitude favorável de Paulo para com o governo daqueles dias em Romanos 13:1.²⁰ Esses tutores tentaram tirar a má influência da mãe de Nero sobre ele. Ela então começou a tentar manobrar seu irmão Britannicus para a posição do verdadeiro herdeiro de Cláudio. Nero respondeu o envenenando.

Sêneca e Burrus reconheceram a tendência má na natureza de Nero e tentaram deixar que ela tivesse expressão através de prazeres privados baixos, esperando impedi-lo de causar dano público. Suetônio observa que: “Embora inicialmente seus atos de imoralidade, luxúria, extravagância, avareza e crueldade fossem graduais e secretos... mesmo então sua natureza era tal que ninguém duvidava que elas fossem defeitos de seu caráter e não devido ao seu tempo de vida”.²¹ Mas Nero desceu ainda mais profundamente numa conduta degradante: “Ele castrou o jovem Sporus e realmente tentou fazer dele uma mulher para ele; e casou-se com ele com todas as cerimônias usuais... e tratou-o como sua esposa”.²² Suetônio continua: “Ele até inventou um tipo de jogo, no qual, coberto com a pele de algum animal selvagem, ele era solto de uma gaiola e atacava as partes privadas de homens e mulheres, que estavam amarrados em postes”.²³

Nero conspirou até mesmo o assassinato da sua própria mãe, a despeito do fato dela ter sido a responsável por trazê-lo ao poder.²⁴ Não muito após Burrus morrer. Mais tarde, Nero ordenou que Sêneca cometesse suicídio, o que ele o fez.

¹⁸ S. Angus, “Nero” em James Orr, ed., *The International Standard Bible Encyclopedia*, 1st ed. (Grand Rapids: Eerdmans, [1929] 1956) 3:2134.

¹⁹ Suetonius, *Nero* 8; Tacitus, *Annals* 12:68.

²⁰ See Donald B. Guthrie, *New Testament Introduction*, 3rd ed. (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1970), p. 397; and Greg L. Bahnsen, *Theonomy in Christian Ethics*, 1st ed. (Nutley, NJ: Craig Press, 1977), pp. 366-373.

²¹ Suetonius, *Nero* 26.

²² Suetonius, *Nero* 28. Um comentário cômico é registrado por Suetônio à luz dessa atividade particularmente atroz de Nero: “E a piada brilhante que alguém fez ainda é atual: que teria sido bem melhor para o mundo se o pai de Nero, Domitius, tivesse tido esse tipo de mulher”.

²³ Suetonius, *Nero* 29.

²⁴ Suetonius, *Nero* 34.

Nero se divorciou de sua primeira esposa Octavia para casar com sua amante, Poppaea. Octavia foi banida para uma ilha mediante ordem de Poppaea e em pouco tempo foi decapitada (62 d.C). Três anos depois, Poppaea, embora grávida e doente, foi morta a pontapés por Nero.²⁵

Por projetos de construções enormes e que glorificavam a si mesmo e uma vida dissipadora, Nero exauriu os tesouros imperiais herdados de Cláudio. Por isso, ele começou a acusar os nobres Romanos falsamente de vários crimes, para confinar suas propriedades.²⁶ Tácito registra que “Nero, tendo assassinado tão ilustres homens, finalmente desejou exterminar a própria virtude com a morte de Thrasea Paetus e Barea Soranus”.²⁷ Suetônio escreve que “ele não mostrou nem discriminação nem moderação ao assassinar quem quer que quisesse, sob qualquer pretexto”.²⁸

Em 19 de Julho de 64 d.C. aconteceu o grande incêndio de Roma, que destruiu a maior parte da cidade.²⁹ Embora ele não estivesse em Roma naqueles dias, a suspeita caiu sobre Nero de ter causado o incêndio. Muitos estavam convencidos que, visto que ele deplorava a feiúra de Roma, ele pretendia destruí-la para dar espaço aos seus próprios projetos de construção.³⁰ Para tirar a atenção de si, ele falsamente acusou os cristãos de terem iniciado o incêndio³¹ e puniu-os por se “entregarem a uma nova e maligna superstição”.³²

Nero era um amante de música, teatro e circo, imaginando em vão que era um dos maiores músicos, atores e aurigas³³ do mundo.³⁴ Suetônio registra que “enquanto ele estava cantando, ninguém era permitido deixar o teatro, mesmo pelas razões mais urgentes. Assim, é dito que algumas mulheres deram à luz ali, enquanto muitos que estavam exaustos de ouvir e aplaudir... fingiam morrer e eram carregados para fora, como se para o funeral”.³⁵ Ele então abandonou virtualmente o governo direto de Roma por dois anos, para visitar a Grécia (67-68 d.C.), a fim de aparecer nos festivais musicais deles.

A Morte de Nero

Desgostosos com sua ausência de Roma, seus excessos na vida e com enormes abusos políticos, uma revolta contra Nero começou na Gália. Mas ela foi rapidamente sufocada. Logo após isso, a revolta irrompeu novamente sob o comando de Galba na Espanha, em 68 d.C. ³⁶ Indeciso quanto ao que fazer em tais circunstâncias prementes, Nero hesitou em agir contra Galba. Quando a

²⁵ Suetonius, *Nero* 35.

²⁶ Suetonius, *Nero* 30-32.

²⁷ Tacitus, *Annals* 16:21ss.

²⁸ Suetonius, *Nero* 37.

²⁹ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, 1 vols., 3rd ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1910) 1:379; B. W. Henderson, *The Life and Prindpate of Nero* (London: Methuen and Co, 1903), p. 237.

³⁰ Suetonius, *Nero* 38; Tacitus, *Annals* 15:38ss.

³¹ Tacitus, *Annals* 15:44.

³² Suetonius, *Nero* 16.

³³ Auriga: Entre os gregos e romanos, condutor dos carros de cavalos. (Nota do tradutor)

³⁴ Suetonius, *Nero* 23-25. Veja Miriam T. Griffin, *Nero: The End of a Dynasty* (New Haven: Yale University Press, 1984), cap. 9.

³⁵ Suetonius, *Nero* 23.

³⁶ Suetonius, *Nero* 40ss.

revolta tinha reunido força ele falou de suicídio, mas era muito covarde e novamente hesitou.

À medida que considerou suas circunstâncias terríveis e a aproximação de morte certa, registra-se que ele lamentou: “Que artista o mundo está perdendo!”.³⁷ Finalmente, quando soube que o Senado votou a favor da morte dele por meios cruéis e vergonhosos, assegurou o auxílio do seu secretário Epafrodito para correr a espada por sua garganta.³⁸ Seu suicídio ocorreu com a idade de 31 anos, em 9 de Junho de 68 d.C. Com sua morte, a linha de Júlio César foi cortada, e pela primeira vez um imperador de Roma foi indicado de fora de Roma.

Conclusão

A visão a ser apresentada nesta obra é que o Imperador Nero César é a Besta do Apocalipse especificamente considerada e que Roma é a Besta genericamente considerada. Como mostramos em nossa breve análise de sua vida, Nero foi uma pessoa horrível na história de Roma. O historiador da igreja Philip Schaff fala dele como “um demônio em forma humana”.³⁹ Como será mostrado nas páginas seguintes, ele era a própria pessoa que João tinha em mente quando escreveu sobre a Besta cujo número é 666.

A visão que tenho apresentado aqui e que será defendida é contrária ao que a maioria dos cristãos crê hoje. Quase certamente você foi instruído numa visão radicalmente diferente em algum momento da sua jornada cristão. Você pode até mesmo ser tentado a zombar da própria sugestão nesse ponto. Todavia, eu desafio você a ser paciente comigo, à medida que examino a evidência sobre esse assunto no livro de Apocalipse. Estou convencido que você achará a evidência muito persuasiva.

À medida que começarmos nossa jornada interpretativa nesse assunto, podemos guardar em mente a exortação de Paulo, quando escreveu: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm. 3:4). Que possamos, com os fiéis bereanos de outrora, “examinar as Escrituras todos os dias para ver se as coisas [são], de fato, assim” (Atos 17:11).

Fonte: Capítulo 1 do livro *The Beast of Revelation*, Kenneth L. Gentry, Jr.

³⁷ Suetonius, *Nero* 49.

³⁸ Suetonius, *Nero* 49.

³⁹ Schaff, *History* 1:379